

Metassíntese qualitativa sobre os estudos autoetnográficos na formação de professores de línguas estrangeiras (2010-2022)

*Qualitative metasynthesis on autoethnography studies in foreign language teacher
education (2010-2022)*

Suellen Martins¹

Universidade Estadual de Santa Cruz
Ilhéus, Bahia, Brasil

Francielle Ferreira Silva²

Universidade Estadual de Santa Cruz
Ilhéus, Bahia, Brasil

Rodrigo Camargo Aragão³

Universidade Estadual de Santa Cruz
Ilhéus, Bahia, Brasil

Resumo: Este trabalho visa mapear estudos cujas metodologias de pesquisa na Linguística Aplicada que considerem a autoetnografia como base de estudos na formação do professor de Línguas Estrangeiras. Buscamos elaborar um estudo teórico que possa subsidiar futuras pesquisas de campo. A metodologia utilizada é uma metassíntese qualitativa de pesquisas em Língua Portuguesa de estudos publicados entre 2010 e 2022 no banco de Teses e Dissertações da Capes e no Google Acadêmico. Discorremos sobre as definições, conceitos e metodologias presentes nas pesquisas mapeadas. Os resultados destacam o adensamento das ferramentas metodológicas usadas nos trabalhos e aproximações com estudos que têm se debruçado sobre o papel da reflexão nas experiências emocionais presentes no ensino/aprendizagem e na formação de professores de línguas.

Palavras-Chave: Autoetnografia. Formação. Línguas Estrangeiras. Autorreflexão.

Abstract: This work aims to map studies whose research methodologies in Applied Linguistics consider autoethnography as a basis for studies in foreign language teacher education. We seek to develop a theoretical study that can support further field researches. The methodology used is a qualitative metasynthesis of research published in Portuguese between 2010 and 2022 in the Capes theses and dissertations database and Google Scholar. We discuss the definitions, concepts and methodologies presented in the mapped surveys. The results highlight the densification of the methodological tools used in the works and approaches to studies that have focused on the role of reflection in the emotional experiences present in teaching/learning and in the training of language teachers.

Keywords: Autoethnography. Education. Foreign Language. Self-reflection.

¹ Doutoranda e Mestra em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC), pós-graduanda em Educação e Tecnologias (UFSCAR), especialista em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar (FACSA), graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas e Língua Inglesa e suas Literaturas (UESC). É professora de Língua Inglesa/Ensino de Línguas na Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: suellen.tam@gmail.com.

² Mestranda em Letras: Linguagens e Representações - Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Licenciada em Letras com ênfases em Língua Portuguesa e suas literaturas e Língua espanhola e suas literaturas - Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: franciellef30@gmail.com.

³ Doutor em Linguística, Professor Titular do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz. Docente no Programa de Pós-Graduação e na Licenciatura em Letras. Pesquisador do CNPq. E-mail: rcaragao@uesc.br.

INTRODUÇÃO

O campo da Linguística Aplicada vem sinalizando a importância da autoetnografia como metodologia disruptiva que possibilita a consideração do pesquisador enquanto agente e participante do estudo (Assis, 2018). Segundo Silva (2011), que desenvolveu um dos estudos pioneiros no campo, a autoetnografia é composta a partir de narrativas pessoais que dá lugar à qualidade das experiências estabelecidas na maneira que se produz. Assim sendo, as complexidades do pesquisador são abordadas de modo a integrar e moldar a construção da pesquisa. Nas palavras de Fadini (2020, p.39), na autoetnografia o pesquisador é “seu próprio guia no direcionamento metodológico da pesquisa”.

A escrita autoetnográfica nos permite entender a nossa formação identitária que é constituída pelos discursos, que emergem da relação com o outro, e que são interiorizados por nós. Ela reside na possibilidade de um olhar qualitativo, desenvolvido em um conjunto particular de experiências em relação a um determinado contexto cultural em que o pesquisador está inserido (Abreu, 2018). Segundo Chang (2013 apud Lima, 2020, p.39), a autoetnografia é um estudo pessoal e social, isto é, “a experiência pessoal do pesquisador e de como ele entende sua interação com outras pessoas dentro de seu contexto sociocultural e como as forças sociais influenciam suas experiências vividas”. Nesse sentido, a pesquisa autoetnográfica rompe com a tradição positivista⁴ e endossa um fazer científico que, como já foi dito, traz à luz o pesquisador como parte do fenômeno pesquisado. Ela preconiza a análise de experiências pessoais para compreender experiências culturais (Adams; Jones; Ellis, 2015). Ainda que problematizado, esse tipo de metodologia tem como uma de suas principais características a ruptura com as perspectivas cartesianas⁵ que limitam o trabalho de pesquisa em pares de conceitos opostos e que isolam fenômenos como a razão da emoção, o corpo da mente. A auto etnografia tem como potencial abrir espaço para a elaboração de “mecanismos explicativos sistêmicos e dinâmicos que deem conta de correlacionar o sistema diverso de aspectos envolvidos no ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira” (Aragão, 2007, p. 11).

Outro aspecto que pode ser destacado desse tipo de metodologia é o fator da divulgação científica. A pesquisa autoetnográfica permite a inserção de memes, imagens, traz a possibilidade de uma leitura que pode alcançar espaços para além do público científico, criando uma divulgação ampla e mais acessível. Além disso, a autoetnografia se mostra um marco teórico e metodológico que trabalha no eixo das práticas reflexivas e que tem fortalecido o campo de pesquisa na formação de professores de línguas estrangeiras (Silva, 2011; Ono, 2017).

Trabalho desenvolvido em nosso grupo de pesquisa tem indicado como na reflexão sobre si mesmo em relação com outros é onde encontramos sentido das emoções que daí emergem e podemos aprofundar os processos de reflexão e suas consequências na formação de professores de línguas (Aragão, 2019, 2020). Os estudos têm indicado como sentimentos avaliados como negativos são frequentes em distintas fases da profissão docente de Línguas Estrangeiras indicando processo de mal-estar e sofrimento. Além disso, desde estudos iniciais (Aragão, 2005, 2007) temos observado como emoção-ação-reflexão se inter-relacionam de maneira complexa. Os resultados de pesquisa mais recentes têm tornado evidente como a reflexão sobre as emoções na formação de docentes desencadeia transformações positivas o que implica na demanda para

⁴ Corrente filosófica que apoia o conhecimento científico como o modelo de conhecimento verdadeiro. A partir de moldes fixos e desvinculados do autor.

⁵ Expressão vinculada aos pensamentos de Descartes, sendo assim, na perspectiva cartesiana considera-se apenas as questões ligadas à razão. Além disso, vincula-se a uma abordagem pouco reflexível.

reconhecemos a dimensão emocional da cognição de professores (ver, Aragão, 2011, 2017, 2019; Aragão; Dias, 2018; Cajazeira, 2015; Lemos, 2017; Aragão, 2017; Ruohotie-Lyhty; Aragão; Pitkänen-Huhta, 2021; Souza, 2017; Aragão, 2020; Souza, 2021).

Nessa linha, diversas demandas de pesquisa têm sido identificadas para serem trabalhadas. Conforme a revisão de estudos sobre emoções de professores de inglês no Brasil nos últimos dez anos, Barcelos e Aragão (2018) indicam que os resultados de diferentes pesquisas têm nos mostrado que práticas de formação de professores que consideram a promoção da reflexão, baseada na relação cognição-linguagem-emoções, podem levar a transformações que fortalecem a formação. Os pesquisadores indicam a necessidade de continuar explorando epistemologias que sejam capazes de aprofundar esses processos.

Partindo desses contextos, o atual cenário da Linguística Aplicada no Brasil dispõe de poucos estudos que abordam a temática. No intuito de subsidiarmos futuras pesquisas, elaboramos o mapeamento das pesquisas existentes, a identificação dos tipos de ferramentas para coleta de documentos que são comumente utilizadas nesta metodologia e seus principais resultados. Ressaltamos que, embora haja recentes publicações, ainda se percebe a necessidade da discussão acerca da temática.

Assim, seguindo esta compreensão, nesse artigo, discutimos os resultados construídos através de um levantamento desenvolvido no âmbito dos trabalhos do nosso grupo de pesquisa FORTE/UESC⁶ (Formação, Tecnologias e Emoções), que teve como objetivo mapear estudos cujas metodologias de pesquisa considerem a importância da autoetnografia relacionada à formação do professor de Línguas Estrangeiras e que tenham uma atenção voltada para a pesquisa narrativa e o papel das emoções no ensino/aprendizagem de línguas.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de artigo construído a partir de uma metassíntese qualitativa de pesquisas sobre autoetnografia escritas em língua portuguesa. Foram coletados estudos no banco de teses e dissertações da capes e no Google Acadêmico, tendo como parâmetro linguístico autoetnografia; formação inicial e/ou continuada; Professor de Línguas estrangeiras; Linguística Aplicada, realizadas entre os anos de 2010 a 2022. Justificamos a extensão para a ferramenta de busca do google acadêmico devido à dificuldade de obtenção de dados atualizados na plataforma Capes.

Dessa forma, além destas considerações iniciais e as considerações finais, o presente artigo está organizado em duas seções, que estão compostas respectivamente, pela Metodologia, na qual apresentamos os passos metodológicos por nós seguidos, além dos critérios utilizados para a metassíntese qualitativa. Em seguida, discutimos os resultados, que concerne na exposição dos trabalhos e correlações estabelecidas entre eles, sinalizando os resultados observados.

1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Uma metassíntese qualitativa de estudos cujas metodologias de pesquisa, na área de Linguística Aplicada, considerem a importância da autoetnografia relacionada à formação (inicial e/ou continuada) do professor de Línguas Estrangeiras será apresentada. A metassíntese qualitativa é uma metodologia usada comumente nas ciências médicas e agrárias (Sarnighausen, 2011), mas tem sido usada em pesquisas na área da Linguística Aplicada (Bordini E Gimenez,

⁶ Grupo de pesquisa da Universidade Estadual de Santa Cruz, liderado pelo professor Rodrigo Camargo.

2014; Aragão, Souza, Aragão, 2018). Esta metodologia foi escolhida para este trabalho por possibilitar a construção de um panorama dos estudos de interesse.

Aliada à metassíntese qualitativa utilizamos a revisão sistêmica que permite resumir/sintetizar informações de importância (Sarnighausen, 2011). Dessa forma, primeiramente, procedemos com a revisão sistêmica, delimitando a área de pesquisa por meio de parâmetros e classificação de qualidade de textos e estabelecendo critérios iniciais para inclusão/exclusão dos textos conforme nosso interesse de investigação. Segundamente, analisamos os textos por meio da metassíntese qualitativa. Mais especificamente descrevemos os estudos pesquisados e buscamos relacioná-los com o foco de nossa investigação.

Tendo como parâmetro linguístico os estudos em Língua Portuguesa publicados entre 2010 e 2022, a base de Dissertações e Teses da Capes foi escolhida como fonte inicial de coleta de dados, sendo a pesquisa expandida para o google acadêmico (*Google Scholar*) devido ao baixo número de arquivos disponíveis na base. Os estudos foram coletados inicialmente de agosto a novembro de 2020 e atualizados em fevereiro de 2023. Como estratégias de busca utilizamos os termos “auto-etnografia/autoetnografia e formação de professor de língua”; “auto-etnografia e professor de línguas”. O protocolo de Sarnighausen (2011 apud Martins, Souza, Aragão, 2018) foi seguido nesta investigação. Mais especificamente:

Realizamos uma leitura de cunho exploratório, com base nos títulos, resumos e palavras-chave, a fim de identificar os estudos acerca da temática de interesse - priorizando os textos que versassem sobre o contexto de formação inicial ou continuada de professor de línguas -, seguida de uma leitura detalhada dos textos, a fim de selecionar os que estavam dentro do objetivo da pesquisa e realmente fariam parte da presente investigação.

Parâmetro temático: autoetnografia; formação inicial e/ou continuada; Professor de Línguas estrangeiras; Linguística Aplicada

Fontes bibliográficas: base de Dissertações e Teses da Capes e Google acadêmico

Parâmetro cronológico: 2010 a 2022

Parâmetros linguísticos: Português

Critérios de inclusão: Conter no título e/ou resumo combinação de palavras-chave referentes a autoetnografia, diretamente ligadas ao contexto de formação, inicial e/ou continuada, do professor de línguas. Os filtros “onde- Brasil”; “ano de publicação- 2010 - 2022”; “área- Linguística, Letras e Artes”, foram aplicados.

Critérios de exclusão: Títulos e/ou Resumos não correspondentes à questão de pesquisa e trabalhos duplicados.

No quadro que segue, apresentamos os trabalhos coletados nesta investigação, mais especificamente o tema, os objetivos, os instrumentos de pesquisa contidos na metodologia, bem como a evolução das pesquisas.

Quadro 1. Trabalhos Coletados

Tema	Metodologia	Conceito	Resultados	Autor/a + ano
Autoetnografia, autobiografia e letramento literário em língua inglesa	Narrativas	Uma metodologia que descreve e analisa a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural	Possibilitou a autorreflexão, que viabilizou o aprimoramento da prática pedagógica e o processo de entendimento da sua identidade enquanto professor.	SILVA, 2011
Autoetnografia Novos Letramentos	narrativas, entrevistas, próprias experiências (relato)	Uma metodologia sem fins; uma experiência “estética” que permite a reflexão sobre si, sobre o outro e sobre a práxis pessoal.	O autor destaca a ressignificação da sua experiência como um dos pontos desenvolvidos na pesquisa. Além disso, a investigação possibilitou repensar o papel do autor como formador de professores.	ONO, 2017
Autoetnografia e formação de professor de Língua espanhola	Narrativas	A união entre etnografia e autobiografia, em que o autor discorre sobre suas práticas, pensamentos, reflexões de maneira livre e com linguagem menos “rígida”.	Possibilitou a autopercepção e auto reflexão em relação ao seu fazer docente e aos lugares que quer estar enquanto professora de língua Espanhola	ASSIS, 2018
autoetnografia	Livro didático, diário de campo, entrevista, fotografias, relatórios, gravação de áudio das aulas	Uma metodologia que revela os medos, as alegrias e as incertezas de um professor-pesquisador em formação.	Sentir-se mais confortável em relação às suas identidades enquanto educador. Busca constante por transformação enquanto professor.	PARDO, 2018
etnografia, autoetnografia emoções	narrativas e entrevistas semiestruturadas	um olhar subjetivista, assentado em um conjunto particular de experiências, acerca de um determinado contexto cultural	Inglês como símbolo do mundo moderno, que traz referência de padrões hegemônicos que acarreta julgamento por parte dos participantes quando fogem dessa norma. Clama pela necessidade de uma prática reflexiva	ABREU, 2018
autoetnografia (de)colonialidade Letramento crítico Identidade	planos de aula, relatório final do estágio, prova, fotografias, gravação de áudio, caderneta da pesquisadora, mensagens eletrônicas e memórias	um processo pessoal que também traz marcas sociais e políticas e que traz à tona emoções que fazem parte desse processo	Ressalta as emoções/ experiências emotivas pensadas através do viés autoetnográfico e a importância de questionarmos os discursos e crenças enraizados na educação através do letramento crítico	TONIN, 2018
etnografia, autoetnografia	entrevista, o questionário (abertos e fechados), a observação da prática (com gravação em áudio e vídeo e registros em diário de campo).	um espaço para a reflexão de nossa própria inserção social, histórica, identitária, reveladora das diferentes vozes culturais interiorizadas pelo eu	Alimentada pela reflexividade docente que é uma aliada da autoetnografia, foi possível entender que no ensino e aprendizagem em ambientes digitais, há a oportunidade da reflexão/ação sobre mim e sobre o outro	SANTANA, 2019

Autoetnografia e uma prática pedagógica em português implicações para a formação de professores	diários pessoais; entrevistas; gravação de áudio.	possibilita a expressão das inquietudes e reflexões da professora-pesquisadora estabelecidas nesta conjuntura e as emoções envolvidas neste processo	Olhar para as próprias emoções e para as emergentes no processo de ensino e aprendizagem auxilia nos conflitos e frustrações inerentes à prática pedagógica. O professor consegue distinguir o que essas emoções são capazes de produzir, melhorando a tática de ensino	BOTTURA, 2019
Formação inicial de professores de espanhol	questionário inicial; gravações de áudio; planos de aula; mensagem do Whatsapp	Uma abordagem reflexiva que procura “descrever e analisar a experiência pessoal, a fim de entender experiência cultural	Uma reflexão mais aprofundada acerca dela mesma, sobre o que está sendo feito nos cursos regulares e o seu papel formativo de professora	ARAÚJO, 2019
Educação crítica e letramentos, formação e prática docente no ensino de inglês	Questionário inicial; encontro presencial; questionário final	Uma metodologia que permite, por meio de relatos pessoais, experiência do indivíduo com o meio social	A formação de professores é compreendida como um trabalho colaborativo; Aprendizagem de um olhar mais crítico sobre a formação.	MALTA, 2019
Autoetnografia,(de)colonialidade e Identidade	diário reflexivo da professora-pesquisadora, plano de aula, anotações durante as aulas, gravações de áudio	Um meio para o entendimento da formação identitária constituída pelos discursos que emergem da relação com o outro e que são interiorizados por nós	Um conjunto de eventos vivenciados e a interação com os sujeitos constitui sua identidade e formação docente	LIMA, 2020
Ensino e Aprendizagem de Inglês	Seleção de atividades do livro didático.	Uma abordagem metodológica que busca compreender o mundo social a partir da perspectiva do próprio pesquisador, que utiliza suas experiências e vivências como fonte de dados.	O uso de textos autênticos, jogos, atividades lúdicas e projetos interdisciplinares contribuem para a construção de um aprendizado mais significativo e duradouro. Ademais, a valorização das vivências dos alunos, da cultura local e da diversidade linguística são fundamentais para o sucesso do ensino de línguas em escolas públicas.	OLIVEIRA, 2020
Autoetnografia e formação de professor de língua inglesa.	questionários escritos abertos; rodas de conversa, diário de campo; gravações em áudio; narrativas da autora e dos participantes-personagens	uma abordagem que visa descrever e analisar sistematicamente (grafia) a experiência pessoal (auto) para entender a experiência cultural (etno)	A autora defende a autoetnografia como um “auto estudo” que pode contribuir para uma (auto)(re)aprendizagem do(a) professor(a) que anseia pelo que esta chamaria de “(auto)(trans) formações continuadas” para “ações transformadoras”	FADINI, 2020
Formação de professores de inglês, memórias e emoções em atuação na escola pública	questionário inicial, gravações em áudio, planos de aula, diários das aulas, mensagens de whatsapp articulando teorias e memórias	auto-reflexão do pesquisador enquanto participante do estudo/da sua própria experiência/natureza cultural e sociológica	desestrangeirização do ensino de língua adicional para ensino, relações de poder e apagamento dos indivíduos, formação continuada como espaço de ressignificação	LOPES (2020)

Letramento Crítico e formação de professores	Questionários iniciais online, questionários finais online, planos de aula, diários reflexivos, entrevistas e comentários (orais e escritos).	uma metodologia qualitativa de pesquisa que busca compreender e descrever fenômenos culturais e sociais a partir da experiência pessoal do pesquisador.	O projeto de extensão foi uma experiência enriquecedora para a formação dos professores de inglês, pois permitiu reflexões críticas sobre as práticas pedagógicas e a importância de uma educação voltada para a formação de cidadãos críticos e reflexivos.	FONTES, 2021
Ensino Crítico, Formação de professores, proximidade crítica.	Narrativas	uma ferramenta para a reflexão crítica e a criação de novos saberes e práticas na área de educação de línguas.	A incorporação da "proximidade crítica" na formação de professores de línguas pode contribuir para uma educação mais reflexiva, crítica e engajada socialmente.	GONÇALVES; BEATO-CANATO, 2021
Ensino de línguas estrangeiras, autoetnografia, educação básica.	Observação participante, diário de campo e questionário.	Uma abordagem que busca compreender as complexidades e nuances das experiências humanas, levando em consideração aspectos subjetivos e contextuais.	O ensino de línguas estrangeiras pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades comunicativas, cognitivas e interculturais dos estudantes.	PROCÓPIO;REZENDE, 2021
Formação de professores, autoetnografia, formação crítica	Narrativas	Uma abordagem qualitativa que utiliza a experiência e as memórias do pesquisador como fonte de dados e reflexão, permitindo uma compreensão mais aprofundada e significativa dos fenômenos estudados.	A importância da formação continuada como um processo contínuo e reflexivo. Os professores refletiram sobre suas próprias histórias e identidades por meio da autoetnografia e puderam compartilhar experiências.	MENDONÇA, 2021
Pesquisa qualitativa; narrativas; formação de professores.	Narrativas autobiográficas	um método de pesquisa qualitativa em que o pesquisador utiliza sua própria experiência pessoal como objeto de estudo.	A utilização conjunta da autoetnografia e da fotografia pode contribuir para a produção de conhecimento mais autêntico, significativo e reflexivo.	WILDT, 2022
discursos coloniais sobre gêneros e sexualidades no Brasil/aulas de inglês	reflexões decoloniais por meio da netnografia de cunho autoetnográfico e criação de sequências didáticas	se vale da análise crítica e autorreflexiva voltada à compreensão das culturas, (des)construção de identidades	propõem rupturas, fortalecem (re)existências e promovem rasuras trazendo reflexões sobre olhares coloniais que perpassam questões de gênero e sexualidade	SOUZA; OLIVEIRA (2022)
Estágio Supervisionado, identidade docente e corpo/emoção	revisitou memórias por meio da (re)leitura de seus diários-reflexivos para tecer reflexões sobre a formação docente	Método que combina as características da autobiografia e da etnografia. Reconhece e acomoda a subjetividade, as emoções e as afetividades da/o pesquisador/a durante a pesquisa.	ressignificação de algumas "certezas/convicções como um importante (e contínuo) processo de des(re)construções	SOARES (2022)
Experiências de ensino no Estágio Supervisionado	foram acionadas memórias de aula, anotações e	um processo, produto e possibilidade de investigar as experiências a partir do	transição epistemológica, antes embasada na	MOTTA-PEREIRA (2022)

reflexões sobre
epistemologias e
conteúdos que
guiaram a
construção de
seus planos de
aula

próprio sujeito
pesquisador

colonialidade para uma
atitude decolonial

Fonte: os autores

Na seção que segue, apresentamos a discussão dos estudos coletados.

2 DISCUSSÃO DOS ESTUDOS AUTOETNOGRÁFICOS MAPEADOS

Todos os 22 trabalhos encontrados (2 monografias, 6 artigos, 4 dissertações e 10 teses) trazem pesquisas voltadas às experiências do pesquisador e/ou participantes na formação inicial ou continuada de professores de línguas. Como se pode observar, esses estudos são recentes no Brasil, tendo uma maior incidência a partir de 2018. Em sua maioria, os estudos fazem uso de narrativas escritas (diários reflexivos, de campo, relatos), gravação em áudio e questionários como instrumento de coleta de dados e, buscam, a partir de seus contextos de pesquisa, compreender a formação identitária do professor de LE.

A partir dos estudos coletados é possível constatar que a autoetnografia pode nos auxiliar no processo de compreensão do outro a partir de nós mesmos, uma vez que a partir da análise de experiências pessoais podemos compreender experiências culturais (Adams, Jones E Ellis, 2015; Bezerra et.al., 2020; Tonin 2018; Santana, 2019; Lima 2020). Elencamos a seguir trabalhos autoetnográficos que envolvem auto reflexão que comprovam essa tese, estudos feitos nos anos de 2011, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022 no campo da Linguística Aplicada. Apesar de alguns trabalhos apresentarem temáticas similares, decidimos agrupá-los por ordem cronológica de publicação, fazendo diálogo, sempre que possível, entre os temas dos estudos publicados.

A Tese de Silva (2011), a primeira registrada na nossa coleta, a partir da perspectiva temporal, tem por objetivo narrar e analisar dois eventos pedagógicos que focalizam a interpretação de textos literários em inglês. Silva destaca suas dificuldades de enquadrar a pesquisa no que diz respeito à metodologia, mas dentro do que acredita que o trabalho representa, a enquadra na autoetnografia, apoiado na definição de Ellis, Adams e Bochner (2011, p. 10), que afirmam que é uma metodologia que “descreve e sistematicamente analisa a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural”. A pesquisa tem metodologia híbrida: autoetnográfica e etnográfica. De acordo com Silva (2011), a autoetnografia se define por um trabalho que une teórico e prático, analítico e emocional, real e ficcional, pessoal e social” (Silva, 2011 p.11). Sendo assim, é na conexão entre os pares que a transformação e resultados acontecem. E, por isso, ambos estão propensos a modificações. No que se refere aos resultados, o autor afirma que a pesquisa possibilitou a autorreflexão, que viabilizou o aprimoramento da prática pedagógica e o processo de entendimento da sua identidade enquanto professor.

Ono (2017), em sua tese, buscou investigar a Formação de Professores e Formação de Formadores de Língua Inglesa por meio da autoetnografia. Este tipo de metodologia, para o autor (2017, p. 21), oportuniza formas outras de se fazer pesquisa, a valorização da narração do self (Reed-Danahay, 1997). Ono (p. 24) busca “interpretar o outro em si, enxergar aquilo que o outro vê no objeto/sujeito e (re)pensar tudo isso”. O autor sinaliza a importância da reflexão neste processo, em especial como um meio romper com estruturas coloniais e de poder. A pesquisa parte do contexto de um professor formador em formação continuada, condição que considera

“frágil, em expansão e, de certa forma, cíclica” (2017, p. 74). Dessa forma, Ono (2017) traz como resultado do uso da autoetnografia enquanto metodologia, a ressignificação e reestruturação de seu entendimento e conhecimento na qualidade de professor e formador de professores. Além disso, compreende também que a metodologia o fez repensar o seu papel de professor-pesquisador, que, segundo ele, tem acesso às discussões mais recentes sobre os aspectos do ensino de línguas e teorias mais atualizadas, que podem otimizar o ensino aprendizagem de seus alunos em formação.

Pardo (2018), em sua tese, também faz uso da autoetnografia relacionada aos estudos acerca dos Letramentos, assim como Silva (2011), Ono (2017) e posteriormente Bottura (2019). Neste caso, o autor (2018) observa se essas teorias se adequam ao ensino de inglês para os anos iniciais em uma escola pública de Osasco. Dessa maneira, a pesquisa tem como objetivo examinar as epistemologias relacionadas às visões de ensino de língua deste contexto e problematizar outras maneiras de se abordar a ensino de língua inglesa de forma crítica, que levassem em conta as características específicas dos indivíduos e do contexto investigado. O autor evidencia os problemas existentes no contexto escolhido e acredita que estes precisam ser considerados na pesquisa, problemas geralmente relacionados com o econômico e social. A pesquisa se propõe a demonstrar que essas limitações não são impeditivas para o ensino de línguas plural e contextualizado.

Pardo (2018) afirma que na autoetnografia, a identidade de quem pesquisa coexiste simultaneamente com a identidade de quem é pesquisado. Dessa maneira, o autor entende a autoetnografia como um viés de transição entre autobiografia e etnografia. Essa perspectiva aparece também nas pesquisas de Silva (2011) e Bottura (2019). Além disso, assim como Assis (2018) e Fadini (2020), Pardo (2018) destaca a pessoalidade da metodologia em questão, bem como a possibilidade de uma escrita mais acessível àqueles que não estão inseridos no âmbito acadêmico. De acordo com o autor, a pesquisa demonstrou que a autoetnografia tem a capacidade de proporcionar o aprimoramento das práticas de ensino-aprendizagem executadas no contexto citado. Isso acontece, pois, a metodologia fornece subsídios para a promoção de transformações mediante a reflexão crítica acerca do fazer docente/pesquisador.

Para Abreu (2018), em sua dissertação, a pesquisa autoetnográfica possibilita um olhar subjetivista a partir de conjunto particular de experiências acerca de um determinado contexto cultural em que o pesquisador está inserido. Além disso, assim como Silva (2011), Abreu (2018) considera etnografia e autoetnografia como termos siameses ancorando-se em uma visão (inter-) subjetivista e dialógica do processo de construção de conhecimento. Abreu buscou compreender o(s) papel(eis) desempenhado(s) pelas emoções / experiências emotivas no processo de aprendizagem de língua inglesa, tendo como plataforma analítica a construção discursiva dessas experiências afetivas no solo da prática interacional.

Além de narrativas, foram realizadas três entrevistas em formato semiestruturado, centradas nas experiências dos participantes com a língua inglesa. Como ferramental de análise do corpus investigado, o autor articulou o instrumental teórico-analítico da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994) em seu diálogo com o Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005) com o modelo estruturante das narrativas proposto por Labov (1972). As análises dos dados sugerem que os expedientes afetivo-axiológicos presentes se fundem em três premissas: 1) “falar inglês” simboliza uma necessidade do mundo moderno; 2) a crença nos padrões hegemônicos de referência e no mito do nativo; 3) o desvio deste padrão normativo faz com que os participantes julguem sua própria pronúncia e comunicação em inglês. Ou seja, a inter-relação entre afeto e experiência e os expedientes avaliativos que impregnam as narrativas observadas conduzem o processo de composição discursiva das experiências emocionais. A partir das reflexões do autor,

salientamos a importância de “um espírito de desconfiança (positiva) permanente e uma vontade irrevogável de submeter todos os aspectos da nossa experiencialidade ao crivo luminoso da prática reflexiva” (Abreu, 2018, 230), para que possamos fortalecer nossas identidades de falantes.

O olhar atento a questões normativas no ensino de inglês também se fez presente no estudo de Tonin (2018) que, em sua dissertação, por meio da autoetnografia, buscou refletir sobre a relação de suas experiências com a Língua Inglesa com a construção da sua identidade docente, a partir de uma concepção decolonial. Para tanto, utilizou-se de planos de aula, relatório final do estágio, prova, fotografias, gravação de áudio, caderneta da pesquisadora, mensagens trocadas por meios eletrônicos, trabalhos de estudantes e memórias como instrumentos de coleta de dados. Para Tonin (2018) a autoetnografia se constituiu como um processo pessoal, mas que também traz fortes marcas sociais e políticas.

Citando Adam, Ellis e Jones (2016, p. 34), Tonin ressalta que na autoetnografia, emoções como a dor, a confusão, a raiva e a incerteza são parte do processo de pesquisa. O papel das emoções e das experiências emotivas pensadas através do viés autoetnográfico sobre processo de aprendizagem de língua inglesa também foram apontados por Abreu (2018). Tonin clama que os professores possam encontrar voz e atribuir à escola básica seu papel de co-construtora de conhecimentos; trazer para sala de aula temáticas que possam proporcionar aos estudantes questionamentos sobre as relações do “sistema mundo colonial/moderno” (Grosfoguel, 2009, p. 387) e que “o letramento crítico [na escola] só pode ser uma prática descolonizadora que pode interromper a colonialidade do poder ainda vigente.

A tese de Assis (2018), por sua vez, é construída através de narrativas compostas a partir das experiências vivenciadas enquanto aprendiz e, posteriormente, professora de espanhol. A autora narra desde o seu primeiro contato com a língua até a sua atual condição de professora em formação continuada. Com relação às emoções, a autora entende que a sua dimensão afetiva está vinculada às suas práticas e a autoetnografia permite o aparecimento desse âmbito na pesquisa. De acordo com a autora, a metodologia de pesquisa permite que essas perguntas sejam respondidas e isso se constrói num fazer reflexivo e contextualizado com sua prática docente. Assis (2018) traz como um dos principais resultados de sua pesquisa a sua autopercepção e auto reflexão em relação ao seu fazer docente e aos lugares que quer estar enquanto professora de língua Espanhola. As emoções positivas, segundo a autora, são vivenciadas na sua prática docente e também são compartilhadas com os seus alunos, o que influencia o seu fazer docente. Dessa maneira, Assis (2018) conclui que sua relação de amor e alegria com a língua espanhola compõe um ambiente favorável para o ensino aprendizagem do Espanhol.

Também no âmbito da Língua Espanhola (LE), a tese de Araújo (2018) teve como objetivo compreender como a autora, professora de espanhol, pesquisadora e formadora-em-formação foi afetada pelas práticas de conhecimento em um curso de formação para professores de espanhol à luz do letramento crítico e da ecologia de saberes do projeto Casas de Cultura no Campus. Por acreditar na impossibilidade de desassociação da experiência pessoal como professora de espanhol na abordagem da sua pesquisa, Araújo adotou como metodologia a autoetnografia. A autora caracteriza a autoetnografia a partir de Elis (2003) como uma metodologia que “tem como uma de suas prioridades olhar com outros olhos para a experiência do pesquisador durante o processo de pesquisa”. A partir do uso da autoetnografia, Araújo (2018) reviveu experiências passadas em relação a sua graduação que impactaram positivamente para construir a problemática do seu trabalho. Além disso, o exercício do autoconhecimento foi posto em prática possibilitando a construção de realidades e reflexões novas e satisfatórias, não só em relação a formação inicial de professores de língua espanhola, como também uma nova

perspectiva sobre sua própria formação como professora, que a partir da realização do trabalho, considera um processo contínuo.

Na sua dissertação, Malta (2019), por sua vez, objetiva compreender como professores de inglês para crianças de 2 a 5 anos dialogam com a Educação Crítica e Letramentos Críticos – especialmente os Letramentos Visuais e Multiletramentos – em contexto de formação continuada. O estudo se insere no bojo das pesquisas de abordagem quali-interpretativa e utiliza a autoetnografia como metodologia. Esse objetivo está centrado na análise da relação entre teoria e prática ao lecionar a língua inglesa na educação infantil. A realização da pesquisa contou com a elaboração de um curso de formação de professores direcionado a debates direcionados à Educação Crítica e Letramentos. Observa-se que as considerações feitas no coletivo foram importantes não só para a formação profissional, mas também para a criação de uma “rede” de auxílio entre profissionais ingressos em contextos semelhantes. A autora justifica a utilização da autoetnografia a partir desse lugar coletivo de reflexão estabelecido no curso ofertado. Ela sinaliza que a medida em que fazia parte dos encontros como pesquisadora, ia também elaborando seus próprios desdobramentos, podendo “(re)pensar suas próprias práticas em sala de aula, transformando-se, também, em seus contextos de atuação.” Como resultado, Malta (2019, p. 108) pode perceber que essa metodologia possibilitou “explorar as incertezas e autocríticas que tivemos durante o processo.”

Bottura (2019), em sua tese, narra sua experiência como professora de Língua Portuguesa de Acolhimento (PLAc) em um curso restrito a mulheres imigrantes em situação de vulnerabilidade refugiadas na universidade pública brasileira. A experiência de ensino vivenciada pela autora tem profunda ligação com função social, humanitária e política. Assim, partindo da complexidade desse contexto, Bottura (2019) defende a aproximação entre a PLAc e autoetnografia em sua tese com o intuito de visibilizar a importância da metodologia nessas aplicações e destacar que ambas dão conta da subjetividade e da afetividade imbricadas nessa dinâmica. Outro aspecto interessante a ressaltar na abordagem acerca da autoetnografia, expressa na referida tese, é a relação com as emoções. Segundo a autora, ao fazer uma autoetnografia é impossível não registrar o aparecimento das emoções como parte inerente ao pesquisador, isso também é algo inerente ao docente que leciona PLAc. Baseada em Ono (2017), a autora (2019, p.87) sinaliza que a abordagem possibilita explorar com profundidade as “experiências, emoções, prática, e formação de professores” e englobar não só a si mesmo, mas aos que o cercam, pois as histórias pessoais se constroem a partir do Outro.

Em sua tese, Santana (2019), citando Versiani (2002), vê a autoetnografia como reveladora das diferentes vozes culturais interiorizadas pelo eu, no decorrer das experiências pessoais e das relações do self estabelecidas com outros em contextos de interação específicos. Assim como Silva (2011) e Abreu (2018), Santana faz uso de metodologias híbridas (etno e auto) por acreditar que ambas possibilitam uma apreciação qualitativa do fenômeno de maneira descritiva, reflexiva e problematizadora. Por meio dessas metodologias, a autora (2019) buscou compreender e descrever fazeres e saberes - seus e de outros dois sujeitos docentes -, referentes ao ensino de línguas em ambientes digitais no contexto do Ensino Médio do Centro Territorial de Educação Profissional do Baixo Sul de Gandu-BA. Para tanto, apoiou-se em instrumentos de coleta como a entrevista, o questionário (abertos e fechados), a observação da prática (com gravação em áudio e vídeo e registros em diário de campo). Como resultado dessa investigação, a autora (2019, p. 35) ressalta que esta metodologia oportuniza o sujeito a analisar o que “pensa, sente, faz, podendo refinar e/ou redimensionar as atividades pedagógicas”. Similarmente a Tonin (2018), a autora ressalta que estudos, práticas e eventos de letramentos situados na agência escola precisam ser realizados para que possamos contemplar na escola um trabalho em ambientes digitais

relacionados com a linguagem. A autora clama pelo aprimoramento da formação docente, dos espaços educacionais, dos aparatos tecnológicos para oportunizar o trabalho com a cultura digital.

Lima (2020), em sua tese, a partir de um estudo autoetnográfico, refletiu sobre sua constituição identitária enquanto docente de Língua Inglesa da Educação Básica e sobre o lugar dessa língua na contemporaneidade, a fim de problematizar os discursos a respeito de ser docente dentro de nossa cultura; de analisar como se dá o ensino-aprendizagem de Língua Inglesa e identificar indícios de (de)colonialidade em seu processo enquanto docente e pesquisadora. A autora enxerga a autoetnografia como possibilidade de compreensão de sua identidade docente, da Formação Docente e do processo de Ensino-Aprendizagem numa perspectiva dialógica e decolonial. Lima (2020) utilizou como meios de coleta de dados um diário reflexivo da professora-pesquisadora, plano de aula, anotações durante as aulas, gravações de áudio de reflexões e textos escritos referentes ao início de seu exercício profissional na rede pública. Como resultado, a autora aponta que pôde compreender a si mesma em processo, problematizar sobre seu processo identitário que se (re) (des) constrói, a partir da reflexão sobre o processo de Ensino-Aprendizagem do qual ela faz parte, e perceber que sua identidade e formação docente são constituídos a partir de um conjunto de eventos, dentre eles, a interação com os sujeitos. A reflexão sobre ideias e práticas decoloniais, a partir da autoetnografia, também estão presentes nas pesquisas de Tonin (2018). E a autoetnografia também foi apontada por Santana (2019) como um meio para o entendimento da formação identitária constituída pelos discursos que emergem da relação com o outro e que são interiorizados por nós.

A tese de Fadini (2020) tem como objetivo expandir a visão em relação ao processo metodológico da autoetnografia, além da promoção e fomento das bases de dados e contribuição para o arcabouço teórico acerca do referido tema. O contexto da pesquisa é a própria trajetória de doutoramento da escritora, bem como, suas experiências passadas com a língua. Além disso, alguns outros participantes, os quais Fadini (2020) considera fundamentais na sua vida, foram convidados a participar da pesquisa. A partir de Ellis et al. (2011, p. 39), a autora entende a autoetnografia como “uma abordagem de pesquisa e escrita que visa descrever e analisar sistematicamente (grafia) a experiência pessoal (auto) para entender a experiência cultural (etno)”. Além disso, assim como em Lima (2020), Fadini ainda traz conceitos cunhados por Chang (2008; 2013) que destaca que a metodologia é autobiográfica, etnográfica e interpretativa na maneira que se compõe, pois faz uso de dados autobiográficos em um cenário de pesquisa na qual, em contato com outros, o autor-pesquisador se analisa e se interroga. Autora traz como resultado de sua pesquisa a defesa de que a autoetnografia é um auto estudo que pode corroborar para uma “(auto)(re)aprendizagem do(a) professor(a) que anseia pelo que [ela] chamaria de (auto)(trans)formações continuadas para ações transformadoras (2020, p. 193)”.

Assim como Tonin (2018), Santana (2019) e Malta (2019) que situam seus estudos no campo do letramento crítico, Lopes (2020), em sua dissertação, analisa e reflete sobre sua formação enquanto professor de inglês ao participar da equipe que promoveu um curso de formação para professores de língua inglesa do estado de Alagoas. Articulando teoria, vivências, memórias emoções e sentimentos, por meio da autoetnografia e das reflexões acerca dessa experiência, o autor passa a compreender a realidade dos professores e da escola pública em Alagoas e no país, ampliando seus olhares para as realidades que estão além do contexto do curso de formação do qual ele participou. No decorrer do texto, Lopes aponta diversas transformações que vivenciou em relação à educação, à docência, à formação de professores, à escola pública e ao mundo, em tempos de interferência tão acentuada dos efeitos da racionalidade neoliberal. Em suma, o autor discute o processo de sucateamento da escola pública; as inseguranças do professor; a importância de desestrangeirarmos o ensino de língua adicional para ensinar a língua a partir

de situações imediatas e vivências locais; os efeitos da racionalidade neoliberal na educação em uma instituição tradicional, como as relações de poder e o apagamento dos indivíduos, e aponta para a importância da formação continuada como espaço para problematização e ressignificação de conhecimentos/mundos, a partir da partilha de experiências e discussões críticas.

Oliveira (2020) apresenta uma reflexão sobre o ensino de inglês em escolas públicas, buscando superar a abordagem tradicional que prioriza a gramática e a memorização de estruturas linguísticas. A partir de uma abordagem discursiva, o estudo propõe o uso da língua como um instrumento de construção de sentidos, relacionando o ensino do idioma à formação crítica dos alunos. No artigo, são discutidas algumas atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula para explorar diferentes discursos e construir sentidos a partir da língua, como a leitura e análise de textos autênticos, a produção de textos coletivos e a discussão de temas sociais relevantes. Por fim, o artigo destaca a importância de se pensar o ensino de inglês como uma forma de contribuir para a formação crítica dos alunos, desenvolvendo habilidades como a análise de diferentes discursos, a compreensão de diferentes perspectivas e a produção de textos coletivos que reflitam a diversidade de vozes presentes na sociedade.

Outro artigo encontrado que destaca a importância da proximidade crítica na formação de professores de línguas é o de Gonçalves e Beato-Canato (2021). O autor e a autora argumentam que a autoetnografia é uma ferramenta essencial para promover a reflexão crítica e o desenvolvimento pessoal e profissional dos futuros professores de línguas. Através da autoetnografia, os professores são convidados a explorar suas próprias experiências, valores e crenças em relação à língua e à cultura que ensinam, bem como refletir sobre as interações estabelecidas com seus alunos e o ambiente de ensino em geral. Ademais, enfatizam que a autoetnografia permite que os futuros professores compreendam melhor o impacto de suas próprias identidades e histórias de vida na prática pedagógica, além de desenvolver empatia e sensibilidade em relação aos alunos. De acordo com Gonçalves e Beato-Canato (2021) exercício da proximidade crítica pode ajudar a formar professores mais críticos e reflexivos, capazes de lidar com os "inéditos viáveis", isto é, situações novas que surgem em sala de aula.

A monografia de Fontes (2021) aborda a formação inicial de professores de inglês que participaram do projeto Casas de Cultura no Campus e tem como objetivo proporcionar o acesso à cultura e educação para comunidades carentes. O estudo discute a importância da avaliação como parte fundamental do processo de ensino e aprendizagem, que deve considerar não apenas o desempenho dos alunos, mas também seu contexto social e cultural. Além disso, são apresentadas reflexões sobre os diferentes letramentos necessários para a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade. A partir de uma pesquisa qualitativa, foram analisados relatórios de estágio e entrevistas com os professores participantes do projeto. Os resultados mostraram a importância da formação continuada e da reflexão sobre a prática pedagógica na formação inicial de professores de inglês.

A tese de Mendonça (2021) apresenta um estudo de curso de formação continuada para professores, contado através da perspectiva da autoetnografia. O objetivo do trabalho é refletir sobre a experiência vivida pelos professores durante o curso, buscando compreender como a formação continuada pode contribuir para a prática docente e para a construção de uma educação mais inclusiva e transformadora. Através da utilização da autoetnografia, os próprios professores participantes do curso são os sujeitos do estudo, refletindo sobre as suas vivências, percepções e práticas durante o processo de formação continuada. Dessa forma, a pesquisa busca evidenciar a importância da auto-reflexão e do diálogo entre os professores como elementos fundamentais para a construção de uma prática docente mais crítica e transformadora. Os resultados alcançados indicam que a autoetnografia foi uma metodologia eficaz para promover a reflexão crítica dos

professores sobre a sua prática pedagógica, permitindo que eles reconhecessem suas limitações e desafios, e assim, desenvolvessem estratégias mais eficazes de ensino e aprendizagem. Além disso, a pesquisa também evidenciou a importância do diálogo entre os professores como uma forma de compartilhar experiências, trocar ideias e construir coletivamente uma educação mais inclusiva e transformadora.

O artigo de Wildt (2022) traz um recorte da tese, que tem como objetivo a investigação de uma vivência de “subversão curricular e (re)invenção do self docente a partir de *Portraiture*” (2022, p. 208). Teve como contexto o estágio supervisionado de Inglês na Universidade no Sul do Brasil. No que se refere a autoetnografia, para Wildt (2022), a autoetnografia é uma ferramenta poderosa para compreender as complexidades da cultura e da identidade, pois permite que o pesquisador esteja diretamente envolvido no processo de pesquisa e se torne parte do objeto de estudo. Isso permite que o pesquisador desenvolva uma compreensão mais profunda da cultura que está estudando e fornece uma perspectiva única e valiosa sobre o tema em questão. Além disso, o texto também destaca a importância da etnografia como complemento da autoetnografia, uma vez que permite o acesso a perspectivas e pontos de vista diferentes dos próprios.

O artigo de Procópio e Rezende (2022) traz uma análise que utiliza a autoetnografia como base, visando integrar as suas experiências com as percepções de seus alunos na defesa de um ensino de línguas eficiente e potente. O artigo tem como objetivo a descrição de como o ensino de Língua Estrangeira se constitui na escola básica. Nesse sentido, a autoetnografia é destacada como metodologia que possibilita o diálogo entre participantes e pesquisadores, o que para essa pesquisa apresenta-se como fundamental para evidenciar a confluência das opiniões e perspectivas pessoais acerca do ensino de LE. Dessa forma, as autoras apresentam como resultado a importância da existência de mais de uma língua estrangeira na educação básica, destacando que a aprendizagem dessas línguas podem contribuir para o alargamento das fronteiras de conhecimento e apresentar novas culturas para os alunos, o que se constitui como uma ponte geradora de conexões entre as disciplinas.

O artigo de Motta-Pereira (2022)⁷ traz uma análise autoetnográfica sobre as experiências de ensino no Estágio Supervisionado de Língua Inglesa da autora. Para tanto, foram acionadas memórias de aula, anotações e reflexões sobre epistemologias e conteúdos que guiaram a construção de seus planos de aula e sua prática pedagógica. Os resultados apontam uma transição epistemológica, antes embasada na colonialidade, desde a escolha de referenciais teóricos à abordagem conteudista sem relação com os contextos locais, para uma atitude decolonial, em que a literatura produzida por autoras/es do Sul Global, que trazem em seu bojo pautas contra-hegemônicas, toma lugar central em suas escolhas para as aulas. Para a autora, muitos textos literários se aproximam da realidade social encontrada nos meios de atuação dos estudantes de Estágio Supervisionado durante a graduação e a escolha de contribuições literárias nessa direção pode promover a inteligência emocional, ampliar o senso de comunicação e ética, além de potencializar o ensino da língua inglesa e instigar o pensamento crítico.

Também no contexto de Estágio Supervisionado, Soares (2022) ampara-se na pesquisa autoetnográfica a fim de refletir sobre formas de (re)construção e ressignificação de sua identidade docente para um agir crítico, reflexivo e ético em sala de aula. Para tanto, o autor revisitou memórias por meio da (re)leitura de seus diários-reflexivos para tecer reflexões sobre a formação

⁷ Outro texto de viés autoetnográfico desta mesma autora (2020), intitulado “A literatura como alternativa para práticas decoloniais no ensino de inglês: um estudo autoetnográfico sobre experiências de uma professora de estágio supervisionado” foi encontrado na busca, no entanto, priorizamos este texto mais recente (2022) por trazer diálogo com as experiências supracitadas no artigo de 2020, bem com novas discussões sobre o tema em questão.

docente e os desafios do Estágio Supervisionado. Soares problematiza a ideia dicotômica entre corpo/emoção e mente/razão ao longo da construção dos seus diários-reflexivos caminhando para discussões em pró de ações e estratégias contra a colonialidade. Enquanto “homossexual, afeminado e gordo” o autor sempre se propunha a buscar uma aproximação com a ideia de ser um bom professor: ser neutro, sem mostrar sentimentos, separar vida pessoal da profissional. A ideia de que não havia lugar para o corpo/emoções na universidade é latente em suas reflexões. O período de estágio fez com que muitas dessas crenças caíssem por terra e ressignificam algumas “certezas/convicções como um importante (e contínuo) processo de des(re)construções”. Revisitar sentimentos e ações do estágio e ao se aproximar da Educação Linguística Crítica, possibilitou que o autor problematizasse a relação da formação docente em nosso país, salientasse a empreitada decolonial em nossa práxis e refletisse sobre o (des)territorialização de sua identidade profissional.

Trazendo também à baila das discussões a problematização da dicotomia colonialidade / decolonialidade, Souza e Oliveira (2022), por meio de uma monografia com estudo bibliográfico e documental de cunho autoetnográfico, questionam discursos coloniais sobre gêneros e sexualidades no Brasil e destacam a importância de levarmos essas discussões também para as aulas de inglês. A partir de reflexões decoloniais, a autora e o autor buscam desvelar e desnaturalizar discursos sexistas e LGBTfóbicos, expõem falácias e inverdades que reproduzem e naturalizam as violências coloniais, e apontam possíveis caminhos para uma pedagogia decolonial, apresentando dois exemplos de sequências didáticas para aula de inglês, visto que as línguas também reverberam formas de opressão. Souza e Oliveira propõem rupturas, fortalecem (re)existências e promovem rasuras trazendo reflexões sobre olhares coloniais que perpassam questões de gênero e sexualidade. A autora e o autor salientam que a base para a mudança, ou seja, para combater essas violências também em sala de aula, está na conscientização de professoras/es e futuras/os professoras/es de inglês. Este trabalho é um passo importante para inspirar a criação de outras produções educacionais contextualizadas, no âmbito do ensino de línguas, a partir das realidades educacionais locais, bem como a promoção de discussões para além da lógica homogeneizante que busca a manutenção do poder, a segregação, a opressão, a manutenção das colonialidades que oprime o despertar da sensibilidade decolonial e do desejo de desconstruir.

Podemos destacar que a maioria das pesquisas são articuladas com os estudos sobre letramentos (Pardo, 2018; Silva, 2011, Ono, 2017, Bottura, 2019; Lopes, 2020; Gonçalves e Beato-Canato, 2021). Acerca da importância da reflexão na formação de professores, Ono (2017) destaca esse processo como uma maneira de provocar rupturas com a colonialidade do saber e do poder. Para o autor, a autoetnográfica possibilitou a reflexão acerca de sentimentos presentes em sua prática de professor-formador de professores, como a angústia, a frustração, a determinação e a força de vontade. Ele conclui que a metodologia o fez transformar seu papel como professor-pesquisador. É ainda nesse sentido que a autoetnografia tem a capacidade de proporcionar o aprimoramento das práticas de ensino-aprendizagem (Pardo, 2018). Tonin (2018) e Lopes (2020) ressaltam que a inter-relação entre afeto e experiência e a avaliação reflexiva presente nas narrativas observadas conduzem o processo de composição discursiva das experiências emocionais. Emoções como a dor, a confusão, a raiva e a incerteza são parte do processo de pesquisa.

O papel das emoções e das experiências emotivas pensadas através do viés autoetnográfico sobre processo de aprendizagem de língua inglesa também foram apontados por Abreu (2018), por Assis (2018) e Soares (2022). Essa última, destaca que o olhar para si mesma configurou também um novo olhar que vai de encontro às suas emoções. Já Araújo (2018) e Malta (2019) mostram como a reflexão proporcionada pela autoetnografia proporcionam análises sobre

o próprio fazer docente que nesse processo a emergência o aparecimento das emoções como parte inerente ao pesquisador e ao docente. A partir do trabalho de Ono (2017), Malta (2019, p. 87) destaca como a auto etnografia nos permite examinar a fundo inter-relações entre “experiências, emoções, prática, e formação de professores”. E Lima (2020) destaca como a auto etnografia permite uma revisitação da nossa identidade e que pode nos levar a “(auto)(re)aprendizagem do(a) professor(a) que anseia pelo que [ela] chamaria de (auto)(trans)formações continuadas para ações transformadoras (Fadini, 2020, p. 193)”. Ainda, reflexões sobre identidade e questões (de)coloniais, por meio da autoetnografia, também foram pauta de discussões que apareceram nos estudos de Souza e Oliveira (2022) e Motta-Pereira (2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das pesquisas realizadas, compreendemos que as autoetnografias não são individuais, mas também sociais, à medida que outras vozes podem se apropriar e entender as experiências aqui narradas e interpretadas como suas histórias também. A autoetnografia é apontada como um meio para o entendimento da formação identitária constituída pelos discursos e emoções/sentimentos que emergem da relação com o outro e que são interiorizados por nós. De alguma maneira, entendemos que a partir das experiências pessoais o leitor poderá ressignificar as histórias contadas e entender o que é tornar-se professor de inglês, o que deve (ou não) ensinar, como se constitui a formação do professor e o seu papel no processo de ensino-aprendizagem. Nesse processo reflexivo que tocam nas experiências emocionais e identitárias, observamos com frequência a emergência de sentimentos de valorização e autoconfiança (Aragão, 2007; 2017; 2019; Lemos, 2017; Aragão, 2017; Souza, 2018; Aragão, 2020; Souza, 2021). A partir do reconhecimento desses sentimentos, professores podem aprofundar sua reflexão e questionar crenças, modelos idealizados, bem como a consequência de certas emoções. Esse é um processo similar ao que ocorre com as pesquisas aqui examinadas.

O fenômeno da auto-observação tende a ser um processo visionário e transformador (Aragão, 2017, 2019). Pesquisas pautadas em práticas reflexivas sobre as emoções na profissão docente tendem a proporcionar profundidade reflexiva, cognitiva e emocional que fomentam a problematização de modelos idealizados, como as do falante nativo da Língua Inglesa, bem como deslocamentos de crenças e identidades que limitam práticas de produção oral em inglês (Aragão, 2019). Como esse autor argumenta, se parte do nosso desafio é cultural, a auto etnografia permite lidarmos com esse desafio uma vez que ela articula intersecções entre as pessoas e suas redes culturais. Essa prática de pesquisa fortalece os enfrentamentos contra as culturas que desvalorizam e limitam nossas práticas docentes e de ensino e aprendizagem. Observamos também como a auto etnografia pode fortalecer as relações humanas através da atenção ao outro e do cuidado mútuo, outro processo que temos argumentado ser crucial para lidarmos com as crises contemporâneas sobre as quais atravessamos (Aragão, 2019).

A autoetnografia possibilita um olhar reflexivo à formação inicial e continuada, uma reflexão/ação sobre mim e sobre o outro, e oportuniza quebrar paradigmas da exclusão de perspectivas qualitativas, o que pode gerar diferentes desdobramentos na prática docente do professor de língua estrangeira, em ambientes de ensino presenciais e digitais. Por isso, sugerimos que mais pesquisas autoetnográficas sejam realizadas com foco especial na formação de professores, oportunizando a esses sujeitos reflexão, compreensão e problematização da realidade e do seu processo identitário, e o fortalecimento do seu emocional para um melhor agir em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ABREU, D. C. *O inglês à flor da pele: investigando a construção discursiva das experiências afetivas em trajetórias de aprendizagem de Língua Inglesa*. 2018. 267f. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos da Linguagem) - Programa de Pós graduação em Estudos da Linguagem, Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- ADAMS, T. E., JONES, S. H., & Ellis, C. *Autoethnography*. Oxford: Oxford University Press, 2015
- ARAÚJO, J. N. de M. *Formação inicial de professores de espanhol no Projeto Casas de Cultura no Campus: ecologia de saberes e letramento crítico*. 2019. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018
- ARAGÃO, R. C. Cognição, emoção e reflexão na sala de aula: por uma abordagem sistêmica do ensino/aprendizagem de inglês. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, 2005, p. 101-122.
- ARAGÃO, R. C. *São as histórias que nos dizem mais: emoção, reflexão e ação na sala de aula*. 2007. 287 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- ARAGÃO, R. Beliefs and emotions in foreign language learning. *System (Linkoping)*, v. 39, p. 302-313, 2011.
- ARAGÃO, R. Emoções e ações de professores ao falar inglês no WhatsApp. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 17, p. 83-112, 2017.
- ARAGÃO, R. C.; DIAS, I. A. F. Tecnologias digitais, biologia do conhecer e pesquisa-ação no ensino de línguas. *Texto Livre*, v. 11, p. 135, 2018.
- ARAGÃO, R. Linguajar e emocionar os tempos de crise na formação de professores de línguas. In: MAGNO E SILVA, W; SILVA, W; CAMPOS, D. M. (Org.). *Desafios da Formação de Professores na Linguística Aplicada*. Campinas: Pontes, 2019, p. 241-274.
- ASSIS, J.F. de. *“EU, CAÇADORA DE MIM”*. O PERCURSO DE FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DE ESPANHOL. 2018. 214f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018
- BARCELOS, A. M. F.; AUTOR. Emotions in Language Teaching: A Review of Studies on Teacher Emotions in Brazil. *Chinese Journal of Applied Linguistics*, v. 41, p. 506-531, 2018.
- BORDINI, M.; GIMENEZ, T. Estudos sobre inglês como lingua franca no Brasil (2005-2012): uma metassíntese qualitativa. *Signum: Estudos da Linguagem*, v.17, n.1, 2014, p. 10-43

BOTTURA, E. B. *“Como é no seu país?”* Estudo autoetnográfico de uma prática pedagógica em português Língua de aceitação para mulheres migrantes no Brasil: implicações para a formação de professores. 2019. 247f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2019

CAJAZEIRA, R. V. *Emoções nas Identidades de professores-estudantes do PARFOR/Inglês*. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus 2015. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201360041D.pdf> Acesso: 15 de Mar., 2021.

FADINI, K.A. *Autoetnografia e processos de subjetificação em educação linguística: (trans)formações de uma professora de inglês*. 2020. 265 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santos, Vitória, 2020

FONTES, E. N. R. *Professora de inglês em formação inicial no Projeto Casas de Cultura no Campus: reflexões sobre avaliação, letramentos e cidadania*. 2021, 43f. Monografia (Licenciatura em Letras - Inglês) - Universidade Federal de Alagoas, Sergipe, 2021

GONÇALVES. A. R.; BEATO-CANATO, A. P. M. *O exercício de “proximidade crítica” na formação de professores de línguas como um aceno aos inéditos viáveis*. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, ano 20, n. 2, AG6, 2021.

LEMOS, L. S. *Estratégias de Ensino/aprendizagem com o WhatsApp: emoções e multiletramentos*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2017. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201510112D.pdf> Acesso: 14 de Jun., 2021

LIMA, J. C. M. de. *Perspectivas dialógicas e decoloniais sobre identidade e formação docente no ensino-aprendizagem de língua inglesa: um estudo autoetnográfico*. 2020. 141 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Sergipe, 2020.

LOPES, F. C. *Ensino de Língua Inglesa e letramento crítico em tempos neoliberais: autoetnografia de um professor em formação*. 2020. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) - - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Sergipe, 2020.

MALTA, L. S. *Além do que se vê: educação crítica e letramentos, formação de professores e prática docente no ensino de inglês com crianças de 2 a 5 anos*. 2019. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santos, Vitória, 2019

MENDONÇA, J. T. de. *“Fala, prof! professores em diálogo (re)pensando a educação”*: um curso de formação continuada contado pelo viés da autoetnografia. 2021. 163f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística) - Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2021.

MOTA-PEREIRA, F. Uma análise autoetnográfica sobre uma proposta decolonial de

ensino de Estágio Supervisionado. *Indagatio Didactica*, vol. 14 (1), julho 2022
<https://doi.org/10.34624/id.v14i1.29599>

MARTINS, S. T. A. O Impacto do PDPI nas emoções-identidades de professores de inglês. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Santa Cruz, 2017. Available at: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201510118D.pdf> Access: May 12th, 2021.

MARTINS, S. T. de A., SOUZA, N. E. S., ARAGÃO, R. C. METASSÍNTESE QUALITATIVA SOBRE OS ESTUDOS DE CRENÇAS, EMOÇÕES E IDENTIDADE (2009-2015). *fólio*, 9(2)., 2018. <https://doi.org/10.22481/folio.v9i2.2816>

ONO, F. T. P. A formação do formador de professores: uma pesquisa autoetnográfica na área de língua inglesa. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2017.tde-12052017-153239.

OLIVEIRA, N. P. O ensino de inglês em escolas públicas além do verbo To Be: utilizando a língua como instrumento de construção de sentidos. 2020. Monografia (Licenciatura em Letras Português-Inglês) - Universidade Federal de Sergipe, 2020

PARDO, F. da S. Ensino de línguas, letramentos e desenvolvimento crítico na escola pública: observações e auto-observações. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.8.2018.tde-28082018-133114. Acesso em: 2021-08-11.

PROCÓPIO, R. B.; REZENDE, R. E. de. As possibilidades e potencialidades do ensino de línguas estrangeiras na educação básica. *Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação*, Juiz de Fora, v. 23, n. 3, edição especial, p. 522-537, set./dez. 2021

RUOHOTIE-LYHTY, M.; AUTOR.; PITKÄNEN-HUHTA, A. Language teacher identities as socio-politically situated construction: Finnish and Brazilian student teachers' visualisations of their professional futures. *Teaching and Teacher Education*, v. 100, p. 103270, 2021.

SANTANA, M.O. de L. Um entrelugar para os multiletramentos no ensino e aprendizagem de línguas em ambientes digitais. 2020. 357f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

SILVA, R. B. da. Interpretações: autobiografia de uma pesquisa sobre letramento literário em língua inglesa. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.8.2012.tde-19042013-095608. Acesso em: 2021-08-11.

SOARES, W. R. Des(re)territorializações da minha identidade docente registradas em diários-reflexivos: (des)encontros com a educação linguística crítica. *Revista Humanidades e Inovação - Palmas - TO - v.9, n.09*, 2022.

SOUZA, J. S. de; OLIVEIRA, D. V. Gêneros, sexualidades e língua(gens): conceitos plurais para abordagens decoloniais nas aulas de inglês. *Ilha do Desterro* v. 75, n° 3, p. 187-210, Florianópolis, set/dez 2022

SILVA, F. F. *Emoções na Formação Inicial de Professores de Espanhol*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2020. Available at: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201810100D.pdf> Access: May 10th, 2021.

SOUZA, N. E. *Emoções entre o ser-aluno e o ser-professor: transformações entre o aprender e ensinar*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2017. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201510116D.pdf> Acesso: May 10th, 2021.

SOUZA, T. A. *Jogos Teatrais na formação continuada de docentes de Línguas Estrangeiras: uma pesquisa colaborativa no contexto do ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2021.

TONIN, J. P. *Ideias decoloniais sobre minha práxis: autoetnografia de uma professora de inglês*. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

WILDT, A. P. A. Autoetno(foto)grafia: pesquisa e formação em modo selfie. *Revista Intersaberes*, vol. 17, n° 14, 2022.